



A escrita de diários em tempos sombrios: um processo autoetnográfico*

Diary writing in dark times: an autoethnographic process

Daniel Manzoni-de-Almeida¹

Resumo: Como experiências cotidianas de uma mesma época influenciaram nos processos de escrita de si? Aqui exploro a construção de dois diários pessoais escritos e publicados entre os anos de 2020-2023. O primeiro é meu diário de leitura e pessoal, “O barulho do voo do morcego” em 2022. O segundo é o “Diários na Aldeia” de autoria de João Irineu de França Neto publicado em 2023. Ambos foram escritos por pessoas escritoras com experiências distintas dos anos em questão, mas com marcadores interseccionais de gêneros, sexualidades, classe social e origem étnica que se cruzam. O que vimos e materializamos, em comum, na escrita desses tempos sombrios?

Palavras-chaves: Escrita de diários. Pesquisa autoetnográfica. Autoetnografia e literatura.

Abstract: How did everyday experiences from the same period influence the processes of writing about oneself? Here I explore the construction of two personal diaries written and published between the years 2020-2023. The first is my personal reading diary, “O barulho do voo do morcego” in 2022. The second is “Diários na Aldeia” by João Irineu de França Neto, published in 2023. Both were written by writers with different experiences from the years in question, but with intersecting markers of gender, sexuality, social class and ethnic origin. What did we see and materialize in common in the writing of these dark times?

Keywords: Diary writing. Autoethnographic research. Autoethnography and literature.

¹ Escritor, professor e pesquisador. Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em História e Teoria Literária, Programa de Pós-Graduação em História e Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador do Centre de Recherche sur l'éducation, les apprentissages et la didactique (CREAD), Institut National Supérieur du Professorat et de l'éducation (INSPE) da Université de Bretagne Occidentale (UBO). Professor e orientador no programa de mestrado “Métiers de l'enseignement, de l'éducation et de la formation” (MEEF), INSPE, UBO. Contato: danielmanzoni@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1729-9833>.

* Artigo recebido em 29 de junho de 2024. Aceito para publicação em 02 de agosto de 2024.

Introdução

Esse artigo é resultado da continuação da pesquisa em autoetnográfica, leitura/escrita de diários e literatura que iniciei na minha tese de doutorado em 2017 e defendida em 2021 no departamento de História e Teoria Literária na UNICAMP, Brasil. Ele me foi proposto a partir da participação na mesa “Experiências de leituras autoetnográficas” no XI Seminário Internacional Literatura e Cultural (SILC) organizado pelo Grupo de Estudos de Literatura e de Cultura (GELIC) e o Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica-UNEB), Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS (PPGL) e do Programa Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS/Itabaiana).

Essa pesquisa vem na esteira de outros trabalhos anteriores dessa minha linha de pesquisa em que: 1) esse processo teve um primeiro texto-início em “Uma autoetnografia sobre os bastidores de ensino de literatura na formação de futuros cientistas em um curso de ciências biológicas” no livro *Faces da Leitura da Escrita: teoria e práticas* (Manzoni-de-Almeida, 2020). Nesse texto, realizei um recorte autoetnográfico do momento em que estava vivenciando a escrita do memorial para um concurso de professor na universidade e compartilhei esse processo com meus alunos do curso de Ciências Biológicas – futuros cientistas; 2) a pesquisa e escrita da tese de doutorado (Manzoni-de-Almeida, 2021): como a experiência de ser um leitor de uma obra literária pode ser importante para a construção de uma interpretação e crítica sobre uma cultura a sua volta? Partindo dessa pergunta e da minha experiência como professor e pesquisador nas ciências naturais a proposta dessa tese foi realizar um estudo via uma análise autoetnográfica lendo e interpretando “A vida de Galileu” de Brecht no Brasil do século XXI; 3) o livro “O barulho do voo do morcego” (Manzoni-de-Almeida, 2022) que contém o diário de leitura na íntegra; 4) a continuação a escrita do diário de leitura de “A vida de Galileu” no ano de 2022/2023 quando realizo minha mudança para a França e a guerra da Ucrânia é deflagrada; e 4) como um diário de leitura pode ser construído e analisado em uma pesquisa autoetnográfica (Manzoni-de-Almeida, 2024). Agora, o objetivo dessa etapa do processo de pesquisa autoetnográfica é avaliar como outras experiências, de outras pessoas escritoras de diários, percebem os mesmos tempos com seus olhares. Para isso tomo o princípio da autoetnografia como metodologia de um *processo* e um segundo como um *produto* de uma investigação, ou seja, a autoetnografia como uma forma de investigação e de escrita em que há uma análise da experiência pessoal do pesquisador (*auto*) em conjunto com uma análise sistemática (*grafia*) da experiência cultural (*etno*). (Ellis, Adams E Bochner, 2011, Manzoni-de-Almeida, 2020). Dessa forma, o engajamento na investigação auto-

etnográfico está vinculado a um movimento contínuo de idas e vindas como um processo de compreensão do lugar do Eu, da pessoa que pesquisa, com a cultura em dinâmica que o rodeia.

Para essa pesquisa, eu recorri ao livro publicado em 2023, “Diários na Aldeia: escritos de um indígena potiguara” do João Irineu de França Neto escritos do seu diário entre 2021-2022 (França Neto, 2024). Eu entro na leitura do livro com uma pergunta: *quais são os seus registros como vestígios da sua existência no mesmo período da escrita do meu diário?* Não pretendo com essa exposição fazer uma comparação entre o que há e o que não há entre os dois trabalhos. O importante é ir pelo caminho como esses dois textos se completam para vir à tona a tragédia dos tempos em que o ar nos faltou.

Aqui, minha exposição está dividida em três partes. A primeira parte, *O ano que sufocou*, é uma parte autoetnográfica em que exponho o contexto que me engajou na pesquisa e escrita do diário de leitura, posteriormente, publicado como *O barulho do voo do morcego* (Manzoni-de-Almeida, 2022). A segunda parte, *Diários como vestígios de uma existência* a mobilização do quadro sobre teórico sobre a escrita de diários por Philippe Lejeune. A terceira parte, *Os diários que se completam*, eu trago 3 pontos em comum que ligam dois registros em diários em *O barulho do voo do morcego* e o segundo em *Diários na Aldeia: escritos de um indígena potiguara* do João Irineu de França Neto escritos entre 2021-2022 (França Neto, 2024).

O ano que sufocou

Desde a mais tenra infância eu queria ir para o lugar da intelectualidade. As palavras, os livros, os assuntos me fascinavam. A oportunidade que eu tive logo de início foi pelas ciências. O que me impulsionou a entrar no mundo científico foi a possibilidade de me entender e me proteger do preconceito. Na época, eu era um adolescente que começava a perceber que minha sexualidade não iria atender a norma para um garoto como os outros. Quando se percebe algo assim é uma camada a mais dentro do turbilhão de outras na adolescência. Não demorei muito a perceber que a minha sexualidade era associada como doença. Poucos anos antes, a homossexualidade já havia sido desconsiderada como uma doença, porém ainda continuava no imaginário geral como tal. A isso, ainda, vinha a soma das consequências das *fake news* sobre a pandemia do HIV/AIDS da década de 1980 que atrelava a origem e a transmissão do vírus a homossexualidade. Ainda hoje há muita gente que pensa dessa maneira, inclusive dentro do meio médico. Um rápido relato sobre, já no ano de 2022, na minha primeira consulta médica na França – país atual da minha residência – tudo caminhava normalmente pela médica, com pedidos de exames rotineiros até ela perguntar se eu era casado. Ao dizer que sim e com um

outro homem, imediatamente ela fez uma lista de exames complementares só para infecções sexualmente transmissíveis. Segundo ela era importante devido ao meu “comportamento sexual”. Entretanto, para outros amigos e amigas heterossexuais e casados da mesma maneira esses exames não haviam sido solicitados. Esse é um pequeno relato no ano de 2022 e já me causou um desconforto mesmo eu tendo uma bagagem e repertório para conseguir digerir a questão. Porém, não era o mesmo da época dos quinze anos de idade. Naquele momento, a ciência, em especial a biologia, me foi o caminho para entender que minha identidade sexual não era doença e muito menos forma de transmitir especificamente outras doenças.

Foi o que eu fiz. Estudei imunologia, me tornei pesquisador e professor da área. Hoje eu consegui estabelecer uma ligação entre os conhecimentos científicos e uma educação para saúde no termo mais amplo do que se quer definir como saúde em aspectos biológicos, sociais, políticos e de bem-estar. Em meio a essa construção uma pergunta se impôs a mim: qual a responsabilidade que tenho como um cientista na sociedade? Ela não nasceu de uma simples indagação intelectual, mas de uma consequência de situações da vida cotidiana e prática profissional como cientista: ter um trabalho. Eu precisava pensar e escrever de forma disciplinada e estruturada sobre essa condição para conseguir elaborar. Estar na universidade para escrever sobre era uma solução importante. Então, eu entrei para fazer um segundo doutorado, dessa vez em Teoria Literária.

É curiosa a minha ligação com a Literatura, pois a experiência que tenho com a realidade precede a leitura de literatura. Explico. A literatura para mim funciona como uma amiga na qual busco e diálogo na tentativa de que por meio do imaginário de outrem, do escritor ou da escritora, encontre ajuda para reler aquilo que eu já havia percebido, mas não organizado. Como se as palavras do autor ou da autora tivessem em mim, por meio do seu diálogo, ajudado a organizar aquilo que vejo caótico. Isso tem já uma explicação. Paulo Freire em sua obra “Alfabetização” (2021) nos traz a ideia que a leitura do mundo precede a leitura das palavras, ou seja, o sujeito freireano é aquele que “lê” primeiro o mundo e, depois com as palavras escritas, faz uma “releitura” do mundo. Considero então igualmente que a minha entrada na leitura data do ensino médio, na mesma época em que nasce o interesse pela Ciência, como foi relatado anteriormente. O meu grande motor interno era começar fazer uma leitura do mundo para entendê-lo. A Literatura, aí, assumiu uma importância muito grande na minha vida.

Hoje a leitura do mundo que me presto a fazer, como pesquisador, é o embaralhado no limite entre Literatura e cultura científica. Entendo que em um mundo compartimentalizado em departamentos de áreas fica difícil de entender um cientista na Literatura. Considerar-me como híbrido significa então que posso interpretar-me como um legítimo representante do pesquisador contemporâneo. Ou

ainda posso dizer que sou um *pesquisador-queer* mobilizando a teoria *queer* para explicar pesquisadores como eu: estranhos, sem forma definida, em construção de um corpo (acrescento para além: de uma intelectualidade), viajantes (Louro, 2008). O importante no corpo-intelecto *queer* é a possibilidade do processo (Manzoni-de-Almeida, 2024). Por fim, a necessidade de escrever sobre a cultura científica combinou um desejo muito simples de justiça social, de direito de estar no mundo, com uma perplexidade específica: o fato que o acesso ao universo refinado da Ciência não impeça as situações de preconceito.

A leitura e interpretação de obras canônicas por corpos dissidentes, marginalizados e descartados pode ser tão válida para pensar e criticar as culturas quanto as já dominantes, feitas por corpos brancos, elitizados, privilegiados hetero-cis-normativos nos espaços de poder dos meios universitários e intelectuais. “A vida de Galileu” de Brecht entrou no meu mundo da leitura ainda na adolescência quando, também entre as aulas do ensino médio e as de língua espanhola, estudei um pouco de teatro na fundação das artes do município de São Caetano. A obra “A vida de Galileu” de Brecht na época foi uma leitura importante como meu primeiro contato sobre como poderiam ser os problemas de um cientista. Já no período adulto e profissional, quando aconteceu a releitura, foi como apagar uma fogueira com gasolina da vida de cientista que eu já vivia e que me consumia. A espinha dorsal do texto de Brecht, a *liberdade de expressão intelectual* posta, me dragou para o “efeito do estranhamento” que autor propôs em sua teoria teatral. Dessa maneira, a tomada do texto “A vida de Galileu” do Brecht como parceiro da crítica da vida científica e análise das possibilidades de uma Ciência em aliança com as lutas sociais foi imperativo para a construção dessa tese. Ao mesmo tempo esse quadro não estava fechado e não me satisfazia. Eu precisava passar o Galileu proposto por Brecht pelo “efeito do estranhamento” dando minhas impressões, como um ator construindo a interpretação da personagem, a partir das experiências de vida e de mundo que eu tinha como um cientista cruzado por diferentes marcadores interseccionais. Como fazer essa análise?

O ano que eu estava pesquisando e escrevendo a tese era 2020. Antes do carnaval desse ano recebíamos com uma certa opacidade as notícias que vinham de fora do Brasil sobre uma nova doença que se espalhava e causava uma onda de mortes na China, na Itália e outros países da Europa por uma pneumonia sufocante e sem muitas explicações. Durante o carnaval, até piadas fizemos com a nova doença: “O coronavírus vai respeitar o nosso carnaval”, “somos um país tropical, a gripezinha não nos atingirá”. De certa forma foi isso. Uma semana depois do fim do carnaval foi encontrado o primeiro caso confirmado de covid-19 e que não parou mais. A onda de infecções tomou conta do país nas semanas seguintes. A quarentena e isolamento social foi inevitável para que a doença não fizesse ainda mais vítimas

que estava fazendo. O pânico tomou conta. Ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo. Ninguém sabia quem poderia ser a próxima vítima, ninguém sabia quem poderia ser o carreador do vírus. Em primeiro momento, o que era difundido que o vírus atacava principalmente as pessoas idosas e que tivessem algum tipo de agravamento por doenças crônicas. Com o aumento dos casos, o que foi visto foi um ataque generalizado do vírus não poupando idosos ou jovens, sadios ou doentes. As imagens de pessoas morrendo em hospitais, outras sucumbindo viraram comuns. Morriam de pessoas distantes do nosso ciclo social à pais e mães. Tudo podia acontecer em um intervalo rápido de dois ou três dias após o aparecimento dos primeiros sintomas. Uma ida ao supermercado para comprar mantimentos poderia ser fatal. A instabilidade da vida ficou ainda mais aguda e só conseguíamos ver o número de casos aumentar a cada dia. A esperança era o desenvolvimento de uma vacina ou qualquer outro tratamento o mais rápido possível. Tudo estava parado. Ninguém saía de casa. Por outro lado, o governo brasileiro de então, do presidente que não vale ser citado convidava à negação dos fatos e a negligência virou a ordem do dia. Em momentos sombrios como esses, o Estado com sua potência é obrigado ao dever de oferecer todas as alternativas possíveis, mas não sob aquele governo. Enquanto a população queria fechar as portas para o vírus e se trancar em casa até o horror passar, o governo puxava a população para fora das casas com o discurso de que não era uma situação grave, que era apenas “uma gripezinha” de que “E daí? Não sou covão?”. Em meio a isso, além das mortes, empregos era perdido, famílias eram esfaceladas, empreendimentos de uma vida inteira foram destruídos de um dia para noite sem grande amparo. O desamparo político-social foi enorme. Em fato, fomos lançados à própria sorte. Passamos por essa tragédia pela própria sorte. Sobreviventes é o que somos. Falamos desde então como sobreviventes. Eu sobrevivi, pois encontrei na escrita de um diário a forma de analisar.

Diários como vestígios de uma existência

Os escritos de diários estão dentro do campo das escrituras ligadas ao cunho íntimo, confessional e subjetivo de quem escreve. Muito se tem estudado sobre esse material como maneira de desvelar questões históricas, estilísticas e de pesquisa em diversas áreas.

É com o teórico francês Philippe Lejeune (1938-), a partir das décadas de 60 e 70, que os diários são tomados para além dessa visão, mas como “uma série de vestígios datados” (Lejeune, 2014, p. 342) como uma tentativa de registro de uma existência imortalizada de “uma espécie de um corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá” (Lejeune, 2014, p. 306). Ou seja, Lejeune toma os diários e seus escritos não apenas como um instrumento metodológico, mas como catego-

rias importantes de escritos literários. Lejeune (2014) não defende uma definição objetiva do que possa ser realmente um diário. Ao contrário, como material entre o contínuo e o descontínuo ou entre a forma e a não forma de compor um diário defende a fragmentação proposital da composição dos diários como maneira de liberdade da escrita. Porém, apresenta algumas características que são importantes para separá-los de outras formas de escritas sobre o Eu. Duas dessas características chamam a atenção. A primeira está ligada a diferenciação de um diário de outras formas de textos ligados a intimidade de um texto, por exemplo, o autobiográfico. A outra corresponde a marcação de uma espinha dorsal para que uma escritura possa ser considerada como diário que é a pontuação objetiva do tempo, ou seja, um diário é composto a partir de datas marcadas e delimitadas, pois sem essa marcação temporal não há um sentido de registro do real. O escritor ou escritora de um diário, segundo Lejeune, tem que marcar, por obrigação e deliberadamente, as datas de seus escritos por dia para que o leitor ou leitora possam situar-se no contexto do tempo e do espaço em que o escrito foi realizado. A data marcada do texto é o que configura o diário como um escrito cotidiano de uma existência.

Os diários mesmo estando em conjunto com a categoria de escritos sobre o Eu, como distinguiu Lejeune, podem ser distinguidos e analisados como uma forma particular de escrita fragmentada como origem de uma nova estética poética e existencial (Lejeune, 2014, p. 308). Para Lejeune os diários são formas livres de escrita em que “(...) nenhuma forma é imposta, nenhum conteúdo é obrigatório (...)” (Lejeune, 2014, p. 327) o que possibilita uma maior liberdade de escrita do escritor ou escritora. Porém, a marcação do tempo é o único imperativo que se coloca na escrita do diário como uma maneira da marcação de uma escrita cotidiana, na intenção de deixar uma “série de vestígios datados” (Lejeune, 2014, p. 299) pelo escritor ou escritora.

O tempo no diário, segundo o teórico, é mobilizado como instrumento essencial de validação do escrito. Uma data marcada no início de uma escritura nos diz para além de um conjunto de números, mas vincula aquelas palavras a uma intenção de reflexão, de captação de uma realidade naquele instante percebida por aquele sujeito. Apesar do compromisso do diário com o tempo, o diário é um instrumento *contra* o tempo, pois serve para: “fixar o presente etc. – preservar a memória” (Lejeune, 2014, p. 329), isto é, não permite a traição das memórias que podem se entrecruzar ofuscando o acontecimento. O tempo datado no diário é o regulador da memória. O que Lejeune quer nos propor é que a escrita do diário ou a construção do mesmo está atrelada à marcação das datas em que os fatos, acontecimentos, reflexões, sentimentos estavam ocorrendo com o indivíduo ou autor/autora do escrito. Por essa característica da forma do diário, Lejeune defende que o estilo da composição do diário passa por um descontínuo, lacunar, alusivo

(referência para quem escreve e nem sempre para o leitor ou leitora), redundante e repetitivo. O teórico se pergunta qual, então, seria a função do diário quando se olha para o indivíduo e para a coletividade que possa ter acesso aos escritos realizados. Para responder enumera oito argumentos que falam a favor da defesa das características próprias do diário:

Conservar a memória: “(...) o diário será ao mesmo tempo arquivo e ação ‘disco rígido’ e memória vida” (Lejeune, 2014, p. 302). A memória, assim como o texto das memórias, individual ou coletiva, pode trair. A escritura do diário pode funcionar como o desenvolvimento de um arquivo de fatos, acontecimentos, reflexos, emoções. Novamente, a constatação de Lejeune sobre a marcação da data, como estrutura imperativa do diário, se mostra importante; *Sobreviver:* “(...) o diário é apelo a uma leitura posterior: transmissão a algum *alter ego* perdido no futuro, ou modesta contribuição para a memória coletiva” (Lejeune, 2014, p. 303). Importante notar que o registro nos diários pode ser tomado como uma forma de ética em que o indivíduo se reconhecendo como um determinado sujeito no coletivo não quer ser lido como *um outro*. Escrever o diário auxilia nessa marcação para uma leitura futura; *Desabafar:* “O papel é amigo. (...) o papel permite expressá-las (as emoções) pela primeira de vez com toda a liberdade” (Lejeune, 2014, p. 303). Na atualidade, é bem conhecida a função da escrita, principalmente dos diários, como maneiras terapêuticas psicológicas em que o exercício da escrita diária pode lançar o indivíduo a defrontar com problemáticas internas e de certa maneira poder refletir sobre elas; *Conhecer-se:* “O papel é um espelho. (...) a aventura do diário é, portanto, muitas vezes vivida como uma viagem de exploração, ainda mais que esse conhecimento de si não é uma simples curiosidade, mas condiciona a continuação da viagem: é preciso escolher e agir” (Lejeune, 2014, p. 303- 304). A reflexão sobre si traz benefícios psicológicos importantes para além dos recursos meramente terapêuticos da escrita, mas como movimento de colocar-se a prova, com total liberdade no papel ou diante da tela do computador, na tentativa de defrontar-se com seu verdadeiro eu; *Deliberar:* “Fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã (...) o diário também permite acompanhar de perto uma tomada de decisão” (Lejeune, 2014, p. 304). Diante do processo e fruto da reflexão do desabafo ou do autoconhecimento colocados em palavras no papel ou na tela do computador esse exercício pode ser importante para clarear fatos e acontecimentos para tomadas de decisões importantes; *Resistir:* “Como aguentar a vida que nos submete uma prova terrível? Como transformar o ‘foro íntimo’ em campo de defesa onde recuperamos as energias e buscamos forças? O diário pode trazer coragem e apoio” (Lejeune, 2014, p. 304-305). Na mesma esteira do escrever diários como forma terapêutica ou de autoconhecimento, a escrita deles pode ajudar no desenvolvimento de resistência frente a uma adversidade. Lejeune nos traz o exemplo de

Anne Frank ao escrever seu diário como maneira única e salvadora de resistência diante dos horrores aos quais estava submetida. Para o teórico, a opção, e talvez a única da garota, era ter se lançado na escrita de um diário; *Pensar*: “A forma do diário desloca a atenção para um processo de criação, torna o pensamento mais livre, mais aberto a suas contradições, e comunica ao leitor a dinâmica da reflexão tanto quanto seu resultado (...) de maneira geral, pode-se dizer que, em muitas atividades humanas o diário é um método de trabalho” (Lejeune, 2014, p. 305). A escrita do diário não tem compromisso, como em outras escrituras, com a forma, com a normas cultas da língua, com estilos ou compromisso com a continuidade da vida. É uma escritura anárquica que ajuda o indivíduo a colocar seu pensamento em experimentação para uma melhor elaboração. Lejeune toma a composição do pensamento de Sartre como exemplo. Sartre, quando convocado para a guerra, elaborou todo seu pensamento fenomenológico, a princípio, por meio de diários de leitura e reflexões - A partir da criação e composição desse pensamento em diários Sartre, posteriormente, construiu sua teoria existencialista; *Escrever*: “Um caderno no qual nos contamos – ou folhas que mandamos encadernar – é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá (...) o diarista não tem a vaidade de se acreditar escritor, mas encontra em seus escritos a doçura de existir nas palavras e a esperança de deixar um vestígio” (Lejeune, 2014, p. 306). Escrever diariamente como um ato de tentar imortalizar o real e a si mesmo para que uma existência não passe despercebida.

Como vestígios de existência e reflexão do escritor ou escritora sobre sua própria existência, os diários são instrumentos poderosos de escrita e manifestação dos indivíduos no registro de suas existências singulares. No campo da pesquisa raramente são dadas as atenções devidas ao trabalho paralelo de pesquisadores ou pesquisadoras, principalmente em áreas mais técnicas como as ciências sociais ou naturais. A construção de um conhecimento passa por diversas etapas e o uso de um diário por um pesquisador ou pesquisadora pode revelar essas etapas. Além de captar a subjetividade de quem se lança a uma investigação.

Os diários que se completam

Eu chego ao livro “Diários na Aldeia” de autoria de João Irineu de França Neto por meio do meu editor da revista SP REVIEW que também é o editor-chefe da editora Folha de Relvas. Como eu trabalho com a escrita e análise de diários ele achou conveniente me enviar o recém livro publicado pela editora. Eu o recebi na França em uma quinta-feira e no sábado pela manhã já havia finalizado a leitura. Diferentes pontos me interessaram no escrito desse livro de João Irineu. O principal ponto que me prendeu ao “Diários na Aldeia” foi a data, como colocado por

Leujeune (2014), como o principal marcador da existência de um diário. A data do diário escrito por João é a mesma ao qual eu escrevi o meu publicado no “O barulho do voo do morcego”, ou seja, João Irineu e eu escrevemos nossos diários entre 2020-2022. Esse fato me despertou uma primeira questão: *como foi a experiência dele nesse período?* Outros pontos foram interessantes, por exemplo de aproximações, como a questão da identidade de sexualidade que compartilhamos, nosso exercício como professores, pesquisadores universitários e escritores; ou por exemplo, sobre as nossas diferenças em origens étnico-geográficas. Enquanto eu sou um filho de imigrantes, criado e que era morador na cidade de São Paulo, João é indígena potiguara nascido e crescido no estado da Paraíba. Aquela primeira questão se completou com outra: *como nossas experiências nesse período, em perspectivas diferentes, podem ser lidas como complementares?*

Em “Diários na Aldeia: escritos de um indígena potiguara”, Irineu Neto traz uma ideia de escrita de diário mesclada com a crônica e auto ficção em que aborda suas questões de existências enquanto indígena, multiartista e xamã que vive no nordeste brasileiro abordando como temas como amor, morte, vida e preservação das culturas dos povos originários nessa existência. Em “O barulho do voo do morcego” eu abordo por meio de um diário de leitura da obra “A vida de Galileu” como questões de sexualidades, amor, vida e profissão de cientista estão e são afetadas no período dramático da pandemia da covid-19. Irineu Neto não teve a pandemia da covid-19 como mola propulsora para a escrita do seu diário como foi no meu caso. Por outro lado, eu não tive como deflagrador as questões trazidas por Irineu Neto na minha escrita. Porém, imersos nos tempos sombrios que estávamos é inegável que a escrita dos diários tomou dimensões de registros das experiências desses tempos como uma forma de denuncia e memória. Os pontos que capto que se entrecruzam nesse sentido como complemento são três. O primeiro é *a tomada do mundo pelo conhecimento*, um segundo *uma reivindicação do direito de expressão no mundo*, e um terceiro *a busca por caminhos de justiça social*.

A partir de 2020 a pandemia da covid-19 se intensificou no mundo e o Brasil havia sido fortemente atingido pela onda de infecções levando a números enormes de doentes e mortes. A ciência era um único caminho palpável para auxiliar no controle das transmissões do vírus e, via a produção de uma vacina, proteger a população de novas infecções ou adoecer gravemente. Na mesma intensão que o vírus se alastrava, uma infecção paralela explodia: a de notícias falsas (as *fakes news*) e os movimentos anti-ciências. Essas questões ajudavam ainda mais a desestabilizar as políticas de saúde e processos de controle da pandemia. Muitas dessas ideologias anti ciências foram fomentadas pelo governo brasileiro de então e outros governos de base de extrema direita no mundo, por exemplo, nos EUA. Tanto Irineu Neto e eu, nos nossos registros de diários, fizemos essa marcação de

como a tomada do mundo pelo conhecimento era um importante dispositivo de educação como forma de emancipação humana. Do meu lado, por exemplo, no registro da página 42 na data de 16/03/2020, eu trago a interpretação da leitura que fazia de um trecho do livro de Brecht sobre a dinâmica da ciência como um processo constante de quebra de paradigmas e de construção de conhecimento. A pandemia na ocasião, oferecia desse ponto de vista, uma oportunidade de entender como o conhecimento científico era construído.

(...) Nessa cena, Galileu conversa com Sagredo sobre as descobertas que fez sobre a Lua ao utilizar o telescópio. A cena inicia com Galileu mostrando a Sagredo, pelo telescópio, a presença de montanhas no solo lunar – o que era acreditado ser impossível uma estrela ter montanhas como as encontradas na Terra “*Mas isto contradiz a astronomia inteira de dois mil anos*” (BRECHT, 1991, p. 48), diz Sagredo a Galileu. Acho a dinâmica dessa cena bem interessante para o dia de hoje, e principalmente, essa fala de Sagredo pelo fato de pontuar algo importante na própria dinâmica da Ciência é que verdades não são concretas e eternas. Fatos novos podem ser construídos, “paradigmas”, como colocado por Thomas Khun (1997) em “As estruturas das revoluções científicas”, podem ser quebrados, verdades podem ser superadas. Desde os primeiros casos em Wuhan, os médicos e médicas chineses/as estão alertando para a possibilidade do aparecimento de uma nova forma do coronavírus. Acho que vou presenciar uma revolução científica com mudanças de paradigmas significativos no mundo e nas mentes (...) (Manzoni-de-Almeida, 2022, p. 42).

Irineu Neto traz uma abordagem de uma cena que experimentou no dia 29/01/2022 (p. 25) ao perceber em uma criança um interesse e uma curiosidade genuína em conhecer o mundo e as curas que a natureza do planeta pode oferecer via conhecimentos das ciências dos povos originários:

(...) lembro-me da quarta-feira desta semana, quando uma ex aluna e um ex aluno foram me visitar na oca do bem viver, e a criança deste casal disse-me espontaneamente: ‘antigamente as pessoas fazia remédios de plantas. Eu me interesse por isso. Impressionou-me ouvir uma criança de seis anos enunciar tamanha sabedoria. Eu disse para o casal que essa criança estava a frente do seu tempo. Quero compartilhar nossa fitoterapia indígena com quem tem interesse em aprender a fazer remédios fitoterápicos e espalhar as gotículas de luz e de cura em nossa aldeia e na grande aldeia planetária (França Neto, 2024, p. 25).

Nossas visões de uma emancipação humana pelo conhecimento se expressam sob as perspectivas de uma ciência baseada por uma dinâmica constante de trocas entre saberes multiculturais, Inter geracionais e não hierarquizados na construção de conhecimentos.

Não é novidade que pessoas LGBTQ+, indígenas e de outros grupos oprimidos sejam marginalizados sofram constantemente tentativas de serem silenciados. Muitas vezes pela própria tomada, distorcida, do argumento científico de que nossas experiências singulares não condizem com a experiência universal. Tanto Irineu Neto e eu detectamos e tomamos a escrita dos diários como registros marginais para constar na memória dos nossos tempos sombrios. Do meu lado, eu me agarrei a escrita do diário para a tese de doutorado como uma forma de sobreviver ao ver, a minha volta, o meu mundo do trabalho se esfacelar pela crise que atingia e pelo oportunismo exploratório que se aproveitada da classe trabalhadora naquele momento que registro na data de 3/07/2020 (p. 52):

(...) Diante da crise da pandemia, muitas instituições decidiram demitir funcionários. As instituições de ensino superior privadas não fugiram à regra. Na instituição que trabalho tivemos o contrato de trabalho suspenso por trinta dias. A instituição alegou crise e tomou essa decisão ao invés de demitir. Ficaremos sem salário por trinta dias e só retomaremos, com 70% do salário, a partir do final de agosto. Quase ninguém entendeu a matemática e contorcionismos legais da instituição para essa tomada de decisão, mas tivemos que aceitar. Era aceitar ou não ter trabalho no meio dessa crise toda. Outras instituições de ensino decidiram demitir. Algumas demitiram por “*pop-up*”: o professor ou a professora conectava na plataforma para iniciar seu dia de aula e uma mensagem pulava na tela avisando que o docente havia sido desligado ou desligada da instituição. A coisa foi tão traumática para colegas que até quem não era da instituição sentiu a falta de respeito. Conheço alguns colegas que foram dispensados dessa maneira. Aulas não foram dadas, orientações de trabalhos de pesquisa foram encerradas instantaneamente, linhas de pesquisa foram extintas do dia para a noite (...) (Manzoni-de-Almeida, 2022, p. 52).

Do lado de Irineu Neto, há a afirmação sistemática ao longo de todo texto de sua voz indígena e como sua escrita é um importante marcador de territórios de existência, como por exemplo, nos registros de 19/02/2022 (p. 29) e 22/02/2022 (p. 30):

(...) minha escrita é a escrita de um indígena andarilho nos caminhos de Pancha Mama, de um poeta-xamã, na busca de decifrar as mensagens e os mistérios da natureza, em nossa coexistência com outros seres da Grande Aldeia Planetária” (p. 29); “(...) sou impelido em meu existir histórico como escritor, cientista e gente pulsante que busca amar a vida e as pessoas, os animais, as plantas e a biodiversidade do planeta (França Neto, 2024, p. 30).

O nosso encontro é nessa reivindicação por nosso espaço de expressão diante das tentativas concretas de silenciamentos, por exemplo, de finalizar um trabalho ou não reconhecimento de uma identidade.

A escrita para nós vai no caminho da denúncia e na afirmação por uma justiça social. As dores e as opressões não ficam apenas como formas de marcas de relatos, mas como gatilhos para pensar as reivindicações de justiça sociais dos nossos tempos partilhados em comum. Em ambos diários, nós denunciávamos a força da ideologia colonizadora, capitalista e racista que paira no ar como formas tecnológicas de modernização das existências. Do meu lado, no dia 9/07/2020 (p. 63) eu trago a experiência-denúncia que brotava no ensino superior brasileiro do aproveitamento do ensino remoto, devido ao isolamento social, como uma instalação de uma prática futura de tendência para cursos superiores. Nesse cenário, já dava para visualizar que essa prática iria acelerar a precarização das formações, dos empregos como professores universitários e da produção de conhecimento na sociedade:

(...) Na vídeo chamada de ontem conversei com uma amiga da área científica que faz pós-doutorado em uma universidade federal do estado de Minas Gerais. Ela me relatou que sua bolsa está suspensa devido aos cortes que a CAPES e o CNPq realizaram de bolsas. Ela havia sido aprovada em um processo seletivo para uma bolsa de pós-doutorado na área de imunologia, mas devido à crise o governo suspendeu as bolsas para manter o orçamento da união. Em meio à crise em que as universidades federais abriram seus laboratórios para que testes da COVID-19 possam ser feitos, o governo cortou centenas de bolsas de pós-graduação pelo país afora acusando que as bolsas estão sem utilização. Outros amigos meus, docentes de universidades federais, estão receosos com a possibilidade de haver suspensão de salários ou com a situação das verbas destinadas às universidades. Outros também que tem contrato de docente temporário relataram que seus contratos não foram renovados e perderam suas posições de professores temporários. As aulas nas universidades públicas e nas escolas de todo o país permaneceram suspensas e no ensino remoto. Em vários momentos durante o semestre me pego em discussões acaloradas com colegas professores sobre o ensino remoto. É um assunto delicadíssimo. De um lado defendendo a possibilidade do ensino remoto como maneira de que estudantes não percam o semestre de aula, diplomas possam ser expedidos com a conclusão dos cursos. De outro, sei da crítica e da realidade que essa possibilidade pode trazer para a educação brasileira. Tubarões do ensino podem se aproveitar dessa onda para abocanhar verdadeiramente o ensino à distância de uma vez. E é o que acontece. Antes do fim do semestre, pelo menos da instituição que trabalho, várias matrizes curriculares foram apresentadas com base na lei de aprovação dos cursos EaD 40%. Não houve saída: ou ajudávamos na implantação do ensino remoto ou perderíamos nosso trabalho. Fiquei em muitos momentos com a consciência pesada sobre o que poderia estar ajudando a pensar. Talvez tenha sido um momento importante para pensar como Brecht colocou a questão da responsabilidade do cientista em “A vida de Galileu”. Todo texto fala sobre esse caráter de Galileu como um possível vilão da Ciência. Um indivíduo de carne e osso que sente dores e necessidades que vende sua força de

trabalho. Foi mais do que eu fiz esse semestre. Eu precisava manter meu trabalho para sobreviver em meio ao caos que foi o primeiro semestre de 2020 e ao mesmo tempo eu precisava ceder às pressões da empresa privada que eu trabalho para produzir material e formas de ensino remoto. Apresentei muitos resultados que de alguma forma podem colaborar com a aceleração da implantação de ensino à distância e a perda de postos de trabalho dos colegas e até o meu. Para mim o ensino remoto no meio da pandemia é a ação contraditória: de um lado sou pesquisador em educação, cultura científica que foi muito bem aproveitado para ajudar a resolver muitas dessas questões de ensino e do outro sou um trabalhador da área de ciência e educação que está suscetível a ser dragado pela “minha própria construção” sobre o ensino remoto (...) (Manzoni-de-Almeida, 2022, p. 63).

Do lado de Irineu Neto, a denuncia vem de como o veneno capitalista colonizador tenta apagar as origens pela contaminação dos pares como ele relata na data de 14/07/2022 (p. 70):

Eu dou apoio e acolhimento a parentes perseguidos por essas praticas de sede de poder e dominação, que não é da ancestralidade indígena, mas sim do branco colonizador. Já vi parentes indígenas ridicularizando outros, por causa da afirmação de sua identidade étnica como indígenas, negando essa identidade. Cogito que ridicularizar um parente indígena em virtude da afirmação de sua identidade étnica configura-se como uma pratica racista, reproduzindo o racismo estrutural da sociedade capitalista. Ha parentes indígenas que são perseguidos por outros indígenas, os quais movidos pela sede de poder e opressão da sociedade capitalista/racista/colonialista. Infelizmente tais lideranças destroem laços comunitários indígenas, em vez de reforçarem os vínculos fraterno-amorosos entre os parentes, vínculos esses que são sinais de nossa ancestralidade viva no presente e nos projetando para o future do bem viver compartilhado mais abundantemente (França Neto, 2024, p. 70).

Para nós, as denúncias via nossos lugares de existências tem o sentido de uma reivindicação e marcação por justiça social por nossas identidades étnicas, de sexualidades e de espaço de atuação profissional com e saberes intrínsecos as nossas histórias.

Considerações finais

Dar um ponto final a uma pesquisa autoetnografica é uma tarefa complexa se não à beira de uma não possibilidade, visto que, é uma investigação do processo. Até o presente momento, as conclusões possíveis que posso emergir da faceta desse estudo apresentado, podem ser centradas em dois aspectos principais. Um primeiro ligado sobre como o uso de diários pessoais ou de leituras como formas

de registros históricos e de memória de determinada época como valorização de memórias e perspectivas não homogêneas de experiências de um tempo, a partir de sujeitos em culturas e grupos em opressões. Uma segunda, de uso de aspecto metodológico com o uso dos diários pessoais e de leitura não como pontos de partidas comparativos entre experiências distintas, mas como elos complementares de experiências de um mesmo tempo.

Referências

BRECHT, Bertold. **A vida de Galileu**. In: Brecht, Bertold. Teatro completo, em 12 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ELLIS, Carolyn.; ADAMS, Tony. E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. **Forum – Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, p. 1-18, 2011.

FRANÇA NETO, João Irineu de. **Diários na aldeia: escritos de um indígena potiguara**. São Paulo: Folha de Relva, 2024.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOURO, Guacira. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MANZONI-DE-ALMEIDA, Daniel. A leitura da literatura como ponto de partida para a construção de um estudo autoetnográfico sobre a interseccionalidade. **Revista Periódicus**, n. 2, v. 20, p. 101-127, 2024.

MANZONI-DE-ALMEIDA, Daniel. **O barulho do voo do morcego**. São Paulo: Na Raiz, 2022.

MANZONI-DE-ALMEIDA, Daniel. **Uma análise autoetnográfica da leitura da obra “A vida de Galileu” de Bertold Brecht: o desenvolvimento de um anticorpo político**. 255 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2021.

MANZONI-DE-ALMEIDA, Daniel. Uma autoetnografia sobre os bastidores de Ensino de literatura na formação de futuros cientistas em um curso de ciências biológicas. **Em Faces da leitura e da escrita: teóricas e práticas**. Organizadores: Lidia Spaziani; Patricia Gimenez Camargo e Roger Henrique Pozza – V. 1. Ed. 1 – São Paulo, Even3 Publicações, livro digital, 193, 2020.

MANZONI-DE-ALMEIDA, Daniel. Cientistas são mesmo necessários? Uma continuação autoetnográfica da leitura de Bertold Brecht. **Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 39, n. 1, p. 29-46, 2023.